

MOVIMENTO
DE APOIO A ELEIÇÃO DE
**Maria de Lourdes
Pintasilgo**

R. João das Regras, 151
4000 PORTO
Telef. 26933

INTERVENÇÃO DE

NATÁLIA CORREIA

Fundação Cuidar o Futuro

NO ALMOÇO DE APRESENTAÇÃO DA COMISSÃO POLÍTICA, COMISSÃO
NACIONAL E MANDATÁRIOS DO PORTO

. Porto, 1 de Dezembro.1985



Ao optar-se em Portugal pela eleição do Presidente da República por sufrágio universal directo e secreto pressupõe-se que as candidaturas à Presidência da República não são comércio que compreenda intermediários, sejam eles de natureza partidária ou outra. Este princípio prescreve no detentor da chefia do Estado a exemplificação do projecto comunitário, e discurso dos laços de solidariedade cultural de todas as diferenças e pluralidades regionais, sociais e outras para participativas da unidade histórica do supremo facto nacional. Quer isto dizer que haverá logro, prejuízo ou subestimação do universalismo da função presidencial se, na sua génese ela for viciada por parcialidades partidárias ou emanadas de outros poderes e responsabilidades que embacem a limpidez cultural que a deve legitimar como um exercício de identificação nacional.

É nesta perspectiva isenta de benção presidencial ou de custódias partidárias que a candidatura de Maria de Lurdes Pintasilgo, a única que, para avançar não precisou desses apoios, surge fresca, imaginativa diferente, espontaneamente emersa da alma nacional como a resposta a um apelo, como um desafio.

O apelo ascultamo-lo no âmago da crise. Formula-o a alma da nação que, ulcerada pela ânsia posta na questão fundamental da sua identidade, apela para a segurança das formas matriciais que lhe deram vulto na história: a comunhão do povo com o Chefe de Estado. O desafio inscreve-se na necessária ousadia com que importa moderar a forma delegada, alienada que a democracia está a assumir na nossa sociedade, purificando-a com a introdução de estruturas participativas que tornem a democracia mais democrática.

Quem tem medo deste desafio? Um grupo de homens que se atrapalham, que se assustam com o facto de ser uma mulher a interpretá-lo? E porque não uma mulher? Acaso nas horas

inseguras como as que atravessamos, não é figura afeiçoada à nossa cultura afectiva procurarem os homens respostas para as suas dúvidas no sapiente e caloroso oráculo materno?

Volto a perguntar: Quem tem medo desse desafio? Aqueles para quem as competências presidenciais haverão de ser por, ânimo pardacento, imóveis e desimaginadas? Esses que, apegados a uma concepção estática da função presidencial acusam no programa de Maria de Lurdes Pintasilgo uma proposta governamental? Será então preferível a um exercício interveniente da função presidencial, uma passividade que, só despeitando para dar por consumadas degradações irremediáveis, em vez de se pronunciar a tempo de as remediar, nesse letargo se deixa nocivamente governamentalizar? Entre as duas alternativas, a da inacção presidencial governamentalizada pelas negatividades que deixa crescer em seu fechar de olhos, e o exercício pleno das faculdades presidenciais face a um governo que, ao ser empossado pelo Presidente da República o corresponsabiliza, a razão e o interesse nacional não podem hesitar. É à luz deste imperativo que o programa de Maria de Lurdes Pintasilgo, não sendo, bem entendido para quantos com lucidez e boa fé o entendam, um programa de governo, ^{Fundação Cuidar o Futuro} é ~~um programa de governo~~ que mais se ajusta à necessidade de o Presidente da República se empenhar activamente numa administração atenta aos sinais de emergência graves para a vida da nação. Será isto utopia? Será isto sonho? Será isto ~~emotividade?~~ ^{emotionalidade?} Tal é a Triologia de etiquetas que o desespero de não atinar com explicações convincentes para desautorizar uma candidatura feminina, ridiculamente produz. É efectivamente confrangedor o suadoiro que destila da ginástica que pretende arredar Maria de Lurdes Pintasilgo de levar a sua candidatura ao termo natural da vitória que a novidade da sua proposta indicia num país sedento da mudança que só na palavra lhe oferecem e na prática lhe negam.

É a candidatura da utopia. Ouço dizer à insciência, essa sim utópica na irreabilidade grosseira de pensar que o país real vive separado da sua cultura. Será então que essa cultura que faz viver a nação, que lhe dá continuidade e fibras para renascer das cinzas, será que essa cultura da qual emerge a candidatura de Maria de Lurdes Pintasilgo que se



assume como um acto cultural, é um projecto visionário. Pouco terão a ver com a realidade os que considerarem utópico um programa em que liquidamente se cumpre o propósito genuinamente nacional de compreender que, sendo a política condicionada por esse estilo colectivo comum que organiza a esfera cultural, nesta se geram as transformações que naquela se fazem sentir.

Mas logo vem o painel do sonho projectado na candidatura de Maria de Lurdes Pintasilgo. É a candidatura do sonho. Propalam os projeccionistas com um supraciliar desdém racionalista pela pujança anímica de que são anímicamente incapazes. Mas como? Acaso não é uma nação uma comunidade de sonhos? Disse-o André Malraux que, como ministro da cultura teve os pés bem assentes na terra que de Gaulle deu os frutos que tanto lhe prestigiaram o governo. O futuro é um somatório de sonhos. E eu estou em dizer e em sustentar que na sebenta tecnocrática em que os governos têm patinhado, a ausência do sonho é o lugar escuro onde as luzes do futuro não penetram.

E vem a girândola final da argumentação que, apostada em afastar a candidata da marcha para Belém espanca a sensibilidade, dos amantes da inteligência. Agora o atributo negativo da candidatura, da engenheira é a emocionalidade. Ou seja essa força anímica, esse entusiasmo que ela nos transmite. Esse transporte que eleva o espírito, sem o qual jamais algo se fez de grande. Porque ser-se incapaz de entusiasmo é um sinal de mediocridade. E em última análise averigua-se que na sonolência em que os desencantos sucessivos fizeram mergulhar os portugueses, a arte de bem governar deveria compreender uma pedagogia do entusiasmo.

Maria de Lurdes Pintasilgo é a personalidade privilegiada para protagonizar esse entusiasmo. E esse impulso é indispensável para que a nação adormecida acorde e se reconheça nele.

Não cabem na parcimónia deste texto todas as razões que atraíram as personalidades que compõem a Comissão Nacional de Apoio à candidatura de Maria de Lurdes Pintasilgo. A sua inequívoca despartidarização em sintonia com a sua culturalização é um factor de primeira grandeza a reunir nessa Comissão elementos que lhe imprimem um específico peso cultural no sentido lato e lídimo do termo. Estão assim representadas

as artes, as ciências, as letras e as técnicas. Pessoas que, por diversos veios, desde os que comunicam com a estética e a imaginação aos que conduzem à positividade dos saberes de quotidiana experiência feitos, estão ligadas aos diferentes relevos da realidade nacional. Esta panorâmica só traduz o conteúdo de uma candidatura que, pelo telurismo do seu dom feminino, está ligada à terra. À terra portuguesa. Ao húmus das realidades sufocadas pela atrofia da sociedade civil. Libertá-las é a proposta da candidata. Libertá-las, animando as faculdades criativas dos portugueses. Pondo em acção o movimento que está cristalizado numa versão burocrática da democracia.

Com Maria de Lurdes Pintasilgo não estão, como propagam imperitos ecos da impactualidade da sua candidatura, não estão os cortejadores da utopia. Mas os que dizem não às formas políticas esclerosadas. Os que, mais sensíveis à necessária promoção da mudança, rejeitam a política como patologia de uma mesmidade pantanosa. Aqueles que, entre todas as candidaturas, elegeram a única portadora de historicidade de um futuro que só a distração não reconhece estar já entre nós.

É uma candidatura diferente? Bem sabemos que a diferença mete medo a não pouca gente. Mas não é com esse susto que tem por fundo o nada que mobilizaremos o dinamismo necessário às transformações estruturais requeridas pela modernização da nossa sociedade.

É a candidatura de uma mulher? Só uma decrepita misoginia poderá retirar excelência a uma candidatura dela dotada, porque é feminina. Só um caduco sentimento androcático negará que o mandato presidencial exercido por uma mulher adquiere sentido num país em que a maioria do eleitorado é feminino. Vou ainda mais longe: só um senil chauvinismo masculino não reconhecerá que, nestes tempos de imparável e crescente participação da mulher, uma presidência da República feminina nos colocará na vanguarda da Europa, constituindo mesmo uma exemplar revolução cultural que nos prestigiará junto dos mais modernos meios europeus.

Isto digo, homenageando a mulher portuguesa que, pelo seu relevo quantitativo e cultural, é credora de se ver representada nos mais altos níveis da hierarquia do Estado. Mas o universalismo da candidatura em que nos empenhamos impede

que particularizemos no eleitorado feminino a sua importância, que é englobante. Que vivazmente fala aos entusiasmos moços, às esperanças da juventude. Que maduramente suscita a solidariedade dos que mais informadamente cõscios dos problemas da nossa sociedade sabem que o modo de os resolver é uma nova forma de os olhar. Que afectivamente (e aqui destaco que a política ou se preenche do calor humano que dela desertou ou se condena a uma desumanização que já a ronda como um abismo), que afectivamente, dizia, propõe uma solidariedade nacional enraizada na lógica própria da nossa cultura.

Finalmente e como aviso aos que confundem optimismo militante de solidariedade na esperança concreta com exuberância ou impulsividade, declaramos: o conteúdo da candidatura que aqui nos religa, é o futuro.

Pauline Correia

Fundação Cuidar o Futuro

Porto, 1/12/85

